

DENTRO E FORA DOS MUROS: RESIDENCIAIS FECHADOS E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL EM CIDADES NÃO METROPOLITANAS

RESUMO

O processo de segregação socioespacial é analisado a partir de suas dimensões objetivas e subjetivas, em que os muros dos residenciais fechados tanto exercem um papel de barreira material, quanto um limite simbólico, que influenciam nas práticas cotidianas dos moradores e na elaboração das subjetividades espaciais. O cotidiano, enquanto unidade de espaço e tempo é nossa escala de análise, que nos permite apreender as heterogeneidades do espaço vivido, engendrando novos sentidos e significados às práticas, que envolvem e elaboram relações contraditórias entre dentro e fora, antes e depois, mudança e permanência, espaço e tempo, apreendidas por meio das narrativas dos moradores, cuja tendência é conformar mais “muros” que “pontes” em relação à cidade e à vida pública.

Palavras chave: Segregação socioespacial; Práticas espaciais; Residenciais fechados; cidades não metropolitanas.

RESUMEN

El proceso de segregación socio-espacial se analiza desde sus dimensiones objetivas y subjetivas, en el que las paredes del residencial cerrado tanto juegan un papel de material de barrera, como un umbral simbólico, que influyen en las prácticas cotidianas de los residentes y el desarrollo de subjetividades espaciales. La vida cotidiana, como una unidad de espacio y el tiempo es nuestro análisis de escala, lo que nos permite captar la heterogeneidad del espacio, generando nuevos significados a las prácticas que involucran relaciones complejas y contradictorias entre interior y exterior, antes y después, el cambio y permanencia, el espacio y el tiempo, se apoderó a través de narrativas de los residentes, que tiende a ajustarse más "muros" que "puentes" en relación con la ciudad y la vida pública.

Palabras clave: La segregación socio-espaciales; Prácticas espaciales; Urbanización cerrada; ciudades no metropolitanas.

ABSTRACT

the socio-spatial segregation process is analyzed from its objective and subjective dimensions, in which the walls of closed residential both play a role of barrier material, as a symbolic threshold, which influence the daily practices of the residents and the development of spatial subjectivities. The daily life, as a unit of space and time is our analysis of scale, which allows us to grasp the heterogeneity of the space, generating new meanings to practices involving elaborate and contradictory relations between inside and outside, before and after, change and permanence, space and time, seized through narratives of residents, which tends to conform more "walls" that "bridges" in relation to the city and public life.

Keywords: Segregation socio; Spatial practices; Closed residential; Non-metropolitan cities

Patrícia Helena Milani
Pós-Graduanda em Geografia,
Universidade Estadual Paulista
patriciah.milani@gmail.com

Eda Maria Góes
Professora Doutora, Universidade
Estadual Paulista
edagoes@fct.unesp.br
UNESP/Presidente Prudente

INTRODUÇÃO

Para elaborar esse texto, partimos da inquietação e da necessidade de compreender o processo de segregação socioespacial levando em conta sua dimensão objetiva, mas privilegiando as subjetividades espaciais que o engendram. Buscamos apreender o ponto de vista de sujeitos que protagonizam esse processo, os moradores de residenciais fechados de classe média¹, tendo como recorte espacial duas cidades do Estado de São Paulo, Catanduva² e São José do Rio Preto³. A análise dessas duas realidades não metropolitanas implica no reconhecimento das particularidades que o processo de segregação adquire, principalmente, em relação às metrópoles. Contudo, apesar dos recortes espaciais, levamos em conta a urbanização, suas tendências e subjetividades também em sentido amplo, na escala brasileira, considerando as lógicas que a engendram.

A metodologia qualitativa nos possibilita apreender os sentidos e significados do espaço, que não se apresentam por si mesmos, já que também são produzidos pelas práticas espaciais dos sujeitos, além de outras formas de produção. Para isso, tornam-se necessários instrumentos metodológicos que viabilizem a apreensão dessas práticas, por mais banais e/ou naturais que pareçam ser. Porém, como apreendê-las?

Para abordar a problemática da pesquisa a partir do cotidiano e tomando como referência e foco analítico as práticas, um dos instrumentos metodológicos elegidos são as entrevistas, por meio das quais procuramos privilegiar a fala dos sujeitos, ou seja, seus depoimentos sobre as experiências vividas espacialmente, as razões que apresentam para justificar suas escolhas relacionadas à moradia, o modo como avaliam tais experiências, os discursos que elaboram a respeito de suas próprias práticas cotidianas. Apostamos na confluência das opiniões e justificativas, bem como das descrições sobre o vivido e os fatos, como estratégia de apreensão do cotidiano, ainda que observações tenham sido feitas e registradas quando visitamos os espaços residenciais fechados para realizar as entrevistas.

SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS PRÁTICAS ESPACIAIS: “PORTAS ADENTRO” E “PORTAS AFORA”

Com o interesse de compreender o processo de segregação socioespacial a partir das subjetividades espaciais, construídas pelos sujeitos moradores de residenciais fechados de cidades não metropolitanas, optamos por identificar a polifonia (Lindón, 2005, p.5), levando em conta a heterogeneidade das práticas espaciais cotidianas, seus sentidos e significados a partir das experiências vividas na e da cidade. Não consideramos os sujeitos enquanto passivos, sobretudo por terem objetivos, pontos de vistas, tomarem decisões, constituírem-se também em agentes ativos nesse processo que não se reduz a estender os limites físicos da cidade. Buscamos compreender como se tece seu conteúdo social que gera processos, nos quais as representações e imaginários urbanos são construídos e exercem papel ativo na produção da cidade, por meio de suas influências nas práticas espaciais.

Os entrevistados são moradores do Residencial Acapulco, na cidade de Catanduva e dos Residenciais Gaivotas I, Damha IV, Village Damha I, Las Palmas, Recanto Real, na

¹ Para além do viés econômico, compreendemos classe social, sobretudo pelo estilo de vida e posse de valores não materiais, pelo capital cultural. Segundo Souza (2010), classes sociais não podem ser definidas apenas pela renda e pelo padrão de consumo, mas, antes de tudo, por um estilo de vida e uma visão de mundo prática, que se materializa no cotidiano dos sujeitos.

² De acordo com o último censo do IBGE, Catanduva possui 118.853 mil habitantes.

³ De acordo com o último censo do IBGE, São José do Rio Preto possui 438.354 mil habitantes.

cidade de São José do Rio Preto. Os assuntos principais da entrevista, que nortearam nossas interpretações para a elaboração desse texto, relacionaram-se às relações de vizinhança e lazer, sobretudo no que se refere às modificações dessas práticas com a mudança para o residencial fechado.

Nas narrativas, os entrevistados espacializam (dentro e fora) e temporalizam suas respostas (antes e depois de se mudarem), pois falam sobre as práticas internas no residencial, mas também fora dele, principalmente para fazer compras. Assim, as falas dos moradores são permeadas por continuidades e descontinuidades (rupturas), tanto no que diz respeito à dimensão espacial, quanto à temporal.

Partimos da premissa de que os muros podem ser concebidos não apenas como limites físicos, mas também como barreiras imateriais que separam o dentro e o fora no que diz respeito às práticas e às relações socioespaciais cotidianas. Novos significados que modificam as práticas dos moradores podem ser elaborados, envolvendo relações contraditórias entre dentro e fora, antes e depois, mudança e permanência, espaço e tempo.

Levando em conta a proposição de Lindón (2006, p.387) de que as práticas e os espaços onde se realizam diferem substancialmente quando ocorrem fora ou dentro de um lugar, entendemos que os muros expressam mais que um processo de privatização da cidade, mas apontam para fortes mudanças nas relações sociais entre os moradores desses espaços fechados e os sujeitos e os espaços que estão fora deles, por isso, valorizamos especialmente o relato das práticas que os entrevistados passaram a realizar no interior dos muros.

A partir desses pressupostos, nos questionamos: quando os muros são “fronteiras” e quando são “pontes” nas falas dos moradores? Qual a dinâmica interna dessas novas urbanizações privadas? Quais são as mudanças nos estilos de vida e nas relações sociais? E por fim, quais são os desdobramentos que essas novas formas de habitar geram na produção do espaço urbano?

Por apreendermos as práticas cotidianas através da linguagem, compreendemos essa comunicação como uma versão interpretada do vivido, isso porque a experiência, ao ser comunicada, é moldada pelas palavras. As palavras sempre vão omitir alguns aspectos e ressaltar outros, de maneira que a versão contada não é idêntica à vivida. A versão contada carrega valores e perspectivas de quem esta narrando, simultaneamente, os sujeitos constroem os significados das experiências vividas, que também podem ser construídos na e a partir da narração, possibilitando o estabelecimento de “fronteiras” e “pontes” em seu decorrer. Os termos “pontes” e as “fronteiras” são utilizados no texto com sentidos metafóricos, uma vez que concebemos as falas também como uma instância móvel em matéria de demarcação e ou ampliação. Para essa compreensão, nos apoiamos em Certeau (1994).

Os trechos das entrevistas que seguem são relacionados às rotinas de moradores entrevistados e de suas famílias. As falas estão agrupadas por semelhanças de elementos e direcionamento das respostas, pois, para uma mesma questão, as dimensões dos planos da vida cotidiana que os moradores relacionam são diferentes. De acordo com nossa interpretação, isso ocorre, sobretudo, porque as experiências espaciais vividas se diferenciam.

Acordamos, levo as crianças na escola, essa semana que eu *to* de folga, mas semana que vem eu volto a trabalhar, daí a gente volta, almoça, e ficamos por aqui. Daí aqui, como tem o parquinho, se tem um dia que não está muito sol, a gente desce lá e passeia um pouco. (Karen⁴, professora, 40 anos, Catanduva)

De manhã, a gente sai de casa, os meninos estudam de manhã. Saio para levar eles na escola, eu venho trabalhar e meu marido vai trabalhar. Eu e as crianças voltamos

⁴ Os nomes dos entrevistados são fictícios.

para almoçar em casa e meu marido trabalha em Rio Preto, então só à noite. (Marta, empresária, 38 anos, Catanduva)

Eu sou advogada e agora estou estudando para concurso, agora que mudei para Rio Preto, eu parei a profissão. Meu marido sai nos horários de trabalho dele, todos os dias, ele volta pra almoçar em casa todos os dias, ele vai de moto ou de carro. Eu saio de carro, eu saio pra fazer as coisas de casa mesmo, vou num supermercado, vou num cabelereiro, vou fazer alguma outra coisa. Mas eu fico bastante em casa, e ele sai todos os dias, sai, volta, umas três, quatro vezes por dia. (Natália, 30 anos, advogada, São José do Rio Preto)

Fazemos tudo de carro [*se mostrou um pouco “desconfiado” com a pergunta e quando eu insisti na mesma pergunta, ele respondeu novamente: “tudo de carro”, percebendo que Lucas não estava a vontade em responder sobre essa questão, pois não entendia o porquê eu queria saber sobre um assunto que para ele é tão “banal”⁵, comecei a falar sobre rotinas, sobre o tempo que algumas pessoas levam ao virem almoçar em casa, se isso acontecia na casa dele também, dinamizando o assunto, Lucas respondeu:*] Eu não almoço em casa por causa do meu serviço, mas minha mulher vem, porque aqui é tudo de fácil acesso, tanto para o centro, quanto para outro qualquer lugar da cidade, tem acesso rápido e fácil. Também tem o ônibus, se caso não quiser... numa precisão. Mas é tudo de fácil acesso, daí ao centro é cinco minutos de carro, quer ir para um lugar da cidade, você pode pegar uma estrada aqui que desce aqui [*apontando com a mão*] e já pega outra avenida ali em baixo. (Lucas, 32 anos, comerciante, Catanduva)

A gente faz tudo de carro, eu saio com o meu e ele com o dele. Voltamos pra almoçar em casa e saímos novamente. (Ariane, 28 anos, dentista, São José do Rio Preto)

Aqui só tem que ser de carro, meu marido e meu filho voltam para almoçar, mesmo quando eu trabalhava, a gente voltava, porque também não é tão distante de nada aqui, é uma coisa que dá bem pra ir. (Sandra, 53 anos, aposentada, Catanduva)

Pra ir pra cidade, a gente já tem uma certa idade [*risos*], não dá para ir nem de bicicleta e nem de moto, tem que ser de carro e a pé é um pouco longe. Se fosse uma cidade mais fresca *né*, acho que dava até para caminhar, mas a gente usa carro, isso que eu acho ruim. Qualquer coisa... a gente tem que programar, sair para fazer isso, isso e isso, porque não dá pra você ir e voltar, ir e voltar, eu acho meio longinho. Nós almoçamos em casa, somos aposentados, mas quem trabalha talvez já fique por lá. Se bem que ainda aqui, eu falo longe, mas é perto se comparado com São Paulo, é super perto. Quando eu trabalhava em Rio Preto, eu tinha amigas que moravam no Damha e trabalhávamos na José Munia, e às vezes não voltavam porque o horário era curto. (Célia, 59 anos, aposentada, Catanduva)

A gente só usa carro, eu tenho meu carro, minha esposa tem o dela, a gente compra... mercado, nós não temos ainda um mercado padrão. Às vezes eu vou terça e quarta, tem um mercado lá perto do aeroporto, Tome Leve, que faz uma promoção de verdura, às vezes eu vou lá. Às vezes eu vou num que é barato, que é o Laranjão, vou e faço compra grande, às vezes vou num que é caro, aqui, que é Pão de Açúcar, é caro, mas tem umas frutas que preciso *pro* neném, boas. Eu não tenho mercado fixo, mas assim, eu vou de carro. (Carlos, 49 anos, aposentado, São José do Rio Preto)

Bom, hoje meu escritório ainda é em casa, eu comprei minha sala agora, mas é dois anos pra ficar pronta. Eu acordo, trabalho aqui em casa mesmo, ando de bicicleta na

⁵ Compartilhamos com Lindón (2006) a ideia de que nos estudos da vida cotidiana, questões aparentemente banais expressam dimensões da vida social que merecem uma análise, por isso insistimos no assunto, mesmo mudando algumas palavras e expressões durante a entrevista.

represa ou aqui dentro mesmo. Não sei se você viu aqui na frente, tem uma pista, é bem movimentada de manhã e no final do dia, aí ou eu acordo mais cedo, umas seis e meia e vou de manhã ou eu deixo pra ir no final do dia. Aí geralmente eu trabalho o dia inteiro em casa, saio pra um compromisso ou outro, *tô* me organizando agora, um dia na semana eu saio pra atender clientes, intercalo tudo, fico doida na cidade. Rio Preto é muito grande, se eu for atender um cliente ali, eu perco a tarde, então de segunda, quarta, quinta e sexta, eu trabalho o dia inteiro em casa, aí terça é o dia de atender cliente, aí eu fico o dia inteiro na rua. Aí quando a semana *tá* muito puxada, tem muito cliente, eu abro a sexta também. (Amanda, 26 anos, arquiteta, São José do Rio Preto)

As formas linguísticas, as expressões usadas, dão particularidades ao multiforme que é a vida cotidiana. As palavras escolhidas imobilizam o vivido, assim quando interpretamos fragmentos de linguagem é possível captarmos momentos da vida social, apreender um instante dentro do fluxo (Lindón, 2007, p.17).

As informações entre colchetes foram inseridas em algumas falas nesse conjunto de relatos, em especial na fala de Lucas, quando a linguagem não verbal era muito importante para compreender as respostas, em algumas situações elas próprias respondiam a questão, uma vez que os encontros com sujeitos pesquisadores, nas entrevistas, são instâncias comunicativas, nas quais se mobiliza a linguagem verbal e não verbal (Lindón, 2007, p.16), em que uma alimenta a outra, ou até mesmo reafirmando o dito, como em uma situação em que um morador estava descrevendo a boa relação que tinha com seu vizinho, quando o mesmo passou pela via e se cumprimentaram com as mãos⁶. Retomando a fala, o morador utilizou os gestos de cumprimentos como justificativa do que estava relatando.

Nem todos responderam sobre a rotina associando com trabalho, mas todos associaram as rotinas diárias com os deslocamentos pela cidade, seja casa/trabalho/escola dos filhos ou casa/locais de consumo. Partindo da crítica que Lindón (2006, p.371) faz em relação a alguns estudos sobre o movimento residência/trabalho, no âmbito da Geografia Urbana, entendemos que esses percursos fazem parte de um movimento que integra a dinâmica da cidade, mas, sobretudo integram a vida cotidiana dos sujeitos sociais de forma tão relevante que compareceram fortemente nas respostas acerca do cotidiano, ganhando maior relevância quando vistos para além da locomoção em um espaço/tempo cartesiano, quando atribuímos sentidos a eles, que nem sempre são coletivos, tendo variações entre os sujeitos sociais.

Os movimentos de deslocamento, principalmente entre residência/trabalho, não podem ser analisados como uma vertente isolada, mas ligados à rotina dos entrevistados, bem como às subjetividades espaciais. Nas falas, os sujeitos particularizam seus deslocamentos, como Carlos, que descreveu sua rotina segundo seus deslocamentos em relação às compras de supermercado e Amanda que relacionou sua rotina aos deslocamentos que faz pela cidade para atender aos seus clientes. Apesar dessas diferentes ligações com diversos objetivos da vida particular, a prática cotidiana do deslocamento não se restringe aos limites dos muros e nem poderia, uma vez que não há estabelecimentos comerciais, escolas, serviços, o que evidencia as particularidades de nossa realidade de pesquisa em relação aos estudos sobre as metrópoles, como Caldeira (2000), cuja pesquisa analisou a cidade de Los Angeles e mais profundamente a cidade de São Paulo.

Os muros e os aparatos de segurança não foram citados pelos moradores nos relatos acerca dessa questão da entrevista, então, por meio da fala, o limite físico tornou-se ponte que possibilitou a passagem para espaços exteriores aos muros, na “cidade”, conforme evidenciaram em algumas passagens. Nem sempre os muros têm os mesmos significados,

⁶ A entrevista estava sendo realizada na varanda da frente da casa de Carlos, morador do Residencial Recanto Real de São José do Rio Preto.

podendo mudar de acordo com as práticas espaciais aos quais são relacionados. Karen e Marta descrevem rotinas referenciadas nos deslocamentos e horários de trabalho e da escola dos filhos, mas em nenhum momento, na descrição, falaram sobre muros, portaria, distância em relação à mesma, e de sua influência nesses movimentos e atividades do dia a dia, embora a ênfase no uso do carro também possa estar a eles relacionada, mas não exclusivamente.

Lucas, assim como o marido de Marta, não retorna a casa para almoçar, mesmo afirmando que as distâncias são curtas e o acesso é fácil. Mais uma vez, em relação à entrada e saída em diversos horários do dia, os muros, portaria, etc. não desempenharam um papel de fronteira em suas falas. Mas a localização do residencial consiste em um descontínuo em relação à cidade, uma vez que, quando indagados sobre os pontos negativos de morar em um residencial fechado, a maioria dos entrevistados falou sobre a distância, como uma negatividade, principalmente em relação ao centro principal, onde se localizam as principais agências bancárias, prefeitura, entre outros órgãos públicos e serviços.

Quando percorremos os trajetos entre o centro tradicional e os residenciais onde realizamos as entrevistas, não vemos rupturas do ponto de vista da morfologia urbana. Porém, constatamos um intervalo temporal que não integrava a sua vida cotidiana no período que não moravam nesses espaços fechados, quando residiam nas próprias áreas centrais ou em bairros próximos.

Isso confirma que a construção da cidade não se produz somente no sentido material, mas também pela vida social e simbólica: “la vida urbana se encuentra imbricada en las formas espaciales” (Lindón, 2006, p. 19). Esse é um âmbito, da produção do espaço urbano, que não podemos apreender sobrevoando a morfologia urbana, sem um mergulho mais profundo no plano dos sujeitos e suas vivências cotidianas na cidade, para isso é necessário mudar de escala, fazer uma aproximação na busca dos diferentes pontos de vistas dos sujeitos sociais e as heterogeneidades que engendram.

Para Célia, o loteamento é um “*pouco longe*” dos lugares que necessita ir, mas, em seu relato, quando compara Catanduva a São José do Rio Preto, considera que o residencial não é longe do centro, evidenciando tanto a relatividade das opiniões sobre perto e longe, diretamente relacionados à complexificação das relações entre espaço e tempo, quanto a importância das referências adotadas, como quando compara as duas cidades.

Ao contrário do marido de Natália, moradores de São José do Rio Preto, que além de almoçar em casa, segundo ela, ainda volta para casa algumas vezes no dia. Para Amanda, que atende seus clientes em canteiros de obras, São José do Rio Preto é uma cidade muito grande, por isso organiza e divide os horários e dias da semana entre os deslocamentos pela cidade e o trabalho no escritório, que fica na própria residência no residencial fechado⁷, Damha IV.

A partir dos relatos, identificamos algumas particularidades da vida cotidiana em residenciais fechados de cidades não metropolitanas. Apesar da heterogeneidade nas respostas em relação às distâncias e percursos, elas convergem para um ponto comum, os moradores não trocaram seus lugares de frequência mesmo após a mudança para o espaço fechado, situado em outra área da cidade. Isso ocorreu a despeito dos relativos aumentos de distâncias em relação a alguns pontos da cidade, como em relação ao centro tradicional, em ambas as cidades, Catanduva e São José do Rio Preto, levando em conta suas escalas.

As distâncias não limitam os deslocamentos, mas, para alguns, podem condicionar, conforme indica, mais adiante, a fala de Amanda, assim como de Célia, pela combinação de dias e horários para atender as necessidades fora dos muros. Esse ponto sinaliza para uma tendência de separação da cidade, de descontinuidade, como se antes de morarem no residencial fechado houvesse contiguidade, o que favorecia o atendimento de necessidades a qualquer hora do dia, com maior facilidade, saindo de casa quantas vezes fosse necessário;

⁷ Trata-se de caso excepcional, uma vez que costumam ser espaços exclusivos de moradia e lazer.

com a mudança para o novo *habitat* e um maior distanciamento físico dos lugares frequentados, o residencial, mesmo com todas as facilidades de acesso (segundo as falas), não há mais contiguidade com a cidade, intensificando-se, mais nitidamente, uma separação espacial e mais subliminarmente, uma separação social em relação ao espaço urbano fora dos muros. Assim são construídos pilares que podem sustentar o processo de fragmentação socioespacial também nessas cidades não metropolitanas.

Nessa perspectiva, se para descrever os deslocamentos diários, os muros significam pontos de passagem, “pontes”, já que não são citados pelos entrevistados quando descrevem esses movimentos. A localização dos residenciais no tecido urbano adquire proeminência, por meio da combinação de horários para viabilizar o acesso a outros espaços, caracterizando uma descontinuidade espacial em relação à cidade e sinalizando para mudanças de algumas práticas que passam a ser condicionadas ao dentro e fora.

Há diversas variações nos percursos e perspectivas de distâncias entre os relatos dos moradores, porém, existe um elemento em comum nas falas, o uso do carro, confirmado pela necessidade de “*fazer tudo de carro*” (segundo a narrativa de Lucas), elemento que comparece em todas as falas de diferentes maneiras. Além disso, ainda que subjacente em alguns relatos e evidente em outros, o que prevalece é que mesmo em um núcleo familiar, o uso é individual, ou seja, cada família possui mais de um automóvel.

A partir dessa relação do local de moradia com outros locais que frequentam, os sujeitos organizam seus espaços e tempos, sendo o carro um objeto “meio” para a efetivação dos deslocamentos cotidianos. No período contemporâneo, o automóvel conquista e “estrutura” o cotidiano das cidades brasileiras, impõe sua lei e contribui fortemente para consolidá-lo, conforme comprovam alguns trechos das entrevistas: “*A gente faz tudo de carro, eu saio com o meu e ele com o dele*”, “*Tem que ser de carro*”.

Enquanto meio de transporte, o carro é uma porção de sua existência social, mas ele tem dupla realidade: sensível e simbólica, prática e imaginária. O carro também é símbolo de posição social e de prestígio. Nele, alguns traços têm significados de conforto, de poder, de velocidade. Ao uso prático se sobrepõem o consumo dos signos, o discurso a seu respeito se alimenta de retórica e envolve o imaginário (Lefebvre, 1991, p. 112-13), o que tem particular importância no caso brasileiro.

Os relatos dos moradores permitiram não só apreendermos os deslocamentos, mas também como eles se reiteram através do tempo, bem como as práticas do dia-a-dia, que nos possibilitam a apreensão da rotina⁸ e com base no núcleo da teoria sociológica pensar acerca da reprodução social. Para Pred (1981 apud Lindón 2006, p. 375), a reprodução social, a socialização dos indivíduos e a estruturação se produzem constantemente na intersecção das trajetórias particulares dos indivíduos, em espaços e tempos específicos. A reprodução social resulta da interconectividade das biografias no espaço-tempo, que ocorre entre o nascimento e a morte de um indivíduo.

Carlos (2001) faz uma análise da reprodução social a partir do cotidiano, considerando que estamos diante de um processo de mundialização do capitalismo e da constituição de um cotidiano fortemente programado e normatizado, no qual a vida, em suas relações espaço-

⁸ Segundo Lindón (2006, p. 374), alguns geógrafos como Pred (1981) e Carlstein (1981) observam que não podemos identificar somente as práticas cotidianas realizadas em um lugar fixo ou as práticas de deslocamento, temos que incluir o tempo de maneira complexa: não só o tempo no qual se prolonga uma prática, mas sua repetição em um ciclo temporal mais longo, ou em vários ciclos. Por exemplo: uma pessoa se desloca durante uma hora para de sua casa para seu trabalho seguindo certa trajetória no espaço. A análise desse acontecimento não é complexa se limitarmos o tempo e a duração da prática de deslocamento e qual o caminho seguido. É necessário observar que essa prática, com sua duração, se reitera ao longo de todos os dias da semana, ou ao longo de vários meses ou anos. Isso é uma aproximação da rotinização.

temporais, é produto e condição para as necessidades de crescimento e reprodução econômica. A contradição entre o valor de uso e o valor de troca permeia todas as práticas socioespaciais, como consequência do movimento da história, que transformou o espaço em mercadoria, subjulgando assim, o uso como condição de realização da vida social, às necessidades da reprodução econômica.

Para a autora, a vida cotidiana é “colonizada” pelas necessidades do capital estando as relações e práticas subjugadas à sua reprodução. Isso impossibilita cogitarmos que, por meio das práticas cotidianas, seja possível emergir as inovações, uma vez que as práticas tomam forma em função do espaço, porém, ao mesmo tempo podem conformar o espaço (Lindón, 2006), alterando seus sentidos e significados.

Ao restringirmos nossa análise às determinações do capital, não teremos possibilidade de refletir sobre as potencialidades da vida cotidiana que tanto pode reforçar lógicas de consumo quanto gerar resignificações, já que, na concepção de Carlos (2001), o cotidiano segue alienado e os espaços de vida estão sobre o controle do capital. Segundo Lindón (2008, p. 376), cuja crítica compartilhamos, o forte controle na vida cotidiana pelo capital, desconsidera a figura dos sujeitos sociais enquanto perspectiva de análise: o olhar é definido pelas estruturas que os dominam.

A perspectiva de Carlos (2001) é apoiada principalmente nas concepções de Lefebvre, que compreende o cotidiano como uma rotina normatizada, na qual os deslocamentos e o tempo livre estão subordinados a lógica do capital. Para o autor, a vida cotidiana está submetida às pressões, aos condicionamentos e programas, portanto, a reconstituição do cotidiano somente será possível por meio da restituição da obra e do sentido da obra⁹, que não tem somente um objetivo cultural, mas prático, sinalizando para modificações que orientariam a cultura em direção a uma prática: a cotidianidade transformada (Lefebvre, 1991, p. 214), reatando assim a ligação entre o significante e o significado, de maneira a recuperar os referenciais. A perspectiva teórica estrutural de Lefebvre volta-se a transformação da sociedade moderna em sociedade humanista na forma de uma “revolução urbana” – na forma de uma revolução no *design* espacial organizado em torno da vida cotidiana desalienada (Gottdiener, 2010)¹⁰.

Nossa experiência de pesquisa tem demonstrado que, seja no caso das contestações em relação às regras internas dos residenciais fechados, seja dos diferentes usos (ou mesmo o não uso) de espaços coletivos privados intra-muros, não são práticas revolucionárias porque não têm capacidade de gerar profundas rupturas, mas sim, resignificações (Lindón, 2006, p.24). Assim consideramos tanto as situações que correspondem a maior parte dos casos, que sugerem homogeneidade, como também as heterogêneas, as distintas vozes, que incluem o instituído (mais frequente nas falas) e o emergente, mesmo que esse ainda não tenha uma forma clara (Lindón, 2005, p.5), que podem conferir outros sentidos ao espaço, mesmo que permaneçam vinculados ao consumo, mas que não se homogeneíza.

Partimos do pressuposto de que a relação entre o individual e o instituído nem sempre é reprodutiva, uma vez que as práticas cotidianas não são neutras, podendo reproduzir a

⁹ Para ele, o termo *obra* não designa apenas um objeto de arte, mas uma atividade que se conhece, que se concebe, que re-produz suas próprias condições, que se apropria dessas condições e de sua natureza (corpo, desejo, tempo, espaço), que se torne a sua obra. Socialmente, *obra* designa a atividade de um grupo que toma em suas mãos e a seu cargo seu papel e de destino social, ou seja, uma autogestão (LEFEBVRE, 1991, p. 215).

¹⁰ Para Lefebvre, a transformação revolucionária da sociedade requer a expropriação do espaço, a liberdade de usar o espaço, o direito existencial ao espaço para que todos sejam reafirmados através de uma versão radical da práxis sócio-espacial (Gottdiener, 2010, p. 132). De uma perspectiva semelhante compartilha Baudrillard (1991), que denomina as rupturas e possibilidades de revoluções como “explosão libertadora”.

realidade ou produzi-la, germinando (pequenas) alterações/resignificações como, por exemplo, aquelas relacionadas às regras internas dos residenciais, que podem ser alteradas/reelaboradas a partir das práticas cotidianas. Se nos limitamos a conceber as práticas espaciais como reprodutoras de uma dada realidade, inviabilizamos a identificação das mudanças que emergem no âmbito da vida cotidiana, ou que geram novas tendências¹¹, já que as formas que insurgem do processo de produção do espaço não são formas inexoráveis, mas produtos também sociais, abertos a redirecionamentos (Gottdiener, 2010). Pensamos o espaço urbano, bem como os espaços intra-muros, como espaços inacabados, em sua condição de *devir*, em permanente construção.

A construção social dos espaços internos aos muros tem como ponto de partida comum, a incorporação de um discurso veiculado, principalmente, pelos agentes imobiliários e pela mídia, porém, com algumas resignificações a partir do vivido, como é o caso do “novo estilo de vida”, vendido conjuntamente com os terrenos e casas nos residenciais fechados.

A partir da mudança de *habitat*, há uma constante busca por estilos de vida que permitam afastá-los dos setores populares e aproximá-los das classes dominantes. É a partir desse contexto que podemos identificar um sistema de diferenças (Bourdieu, 2008), de posições diferenciais, ou seja, composto por tudo que distingue uma classe do que ela não é, e de tudo que lhe é oposto. Em um movimento oposto à distinção das classes populares, a classe média deseja ser um reflexo da elite, afastando-se cada vez mais dos “batalhadores” (Souza, 2010), na tentativa de se aproximar dos ricos, incorporando seu estilo de vida.

Quando os moradores narram as práticas e características do estilo de vida intra-muros, apreendemos tentativas de recuperação de referenciais passados, para utilizar a expressão de Lefebvre (1991), que concebe o período contemporâneo a partir de um rompimento entre significados e significantes, no qual os objetos se tornam signos e os signos se tornam objetos. Na mesma perspectiva, para Baudrillard (1991), que faz uso de metáforas, vivemos em um período de “agonia” dos referenciais fortes, do real e do racional, uma “leucemia” da história e do político, uma “hemorragia” dos valores, que abrem suas portas para uma era de simulações. Nessa simulação, os moradores teriam a “oportunidade”¹² de recuperar relações de vizinhança, as crianças poderiam brincar nas vias (denominadas de ruas pelos entrevistados), teriam maior contato com a natureza, enfim, relações baseadas na liberdade e na segurança, porém entre os muros, rompendo com o cotidiano vivenciado antes da mudança, nos bairros “abertos”, na cidade.

Os elementos que integram esse “novo estilo de vida” não são somente um produto do mercado, mas possuem uma correlação com os valores, ambições e subjetividades elaboradas pelos sujeitos consumidores desses espaços, o que nos ajuda a compreender seu alcance.

Segundo Svampa (2001), existe uma retórica manipulada pelos agentes econômicos que exalta os diferentes aspectos da “qualidade de vida”. Podemos encontrar um primeiro círculo que aparece condensado no chamado “estilo de vida verde”, que valoriza acima de tudo, o contato com a natureza. Para comprovar isso, basta recorrermos à propaganda e aos anúncios¹³ que vendem espaços residenciais fechados, com imagens de famílias modelos, crianças com cachorros e grupos de amigos compartilhando momentos em espaços verdes e

¹¹ Não tratamos das qualidades dessas alterações, elas podem ser, sobretudo, de acirramento dessas lógicas, porém, com novos sentidos e significados, construídos na vivência cotidiana.

¹² Expressão utilizada por uma moradora para designar as novas relações de amizade dos filhos com os vizinhos, dentro do loteamento.

¹³ Os anúncios costumam recorrer às representações próprias do imaginário coletivo, que idealizam um ritmo de vida tranquilo e no qual os mecanismos de controle reforçam a segurança almejada.

coletivos, dispostos nos cenários ideais dos residenciais. Porém, quando confrontamos esse conjunto de imagens vendidas com a realidade vivida e relatada pelos moradores, identificamos contradições, que nos permitem analisar as particularizações das lógicas de consumo, que são incorporadas, mas remodeladas em pequenas nuances.

As falas que seguem estão relacionadas à questão das mudanças nas práticas espaciais cotidianas, se houveram e quais foram, a partir da mudança para o residencial fechado. Os relatos estão expostos de acordo com as semelhanças entre os elementos.

[O que modificou em seu cotidiano depois mudança para o residencial fechado?]

Não muito, essa rotina de carro é a mesma. (Ariane, 28 anos, dentista, São José do Rio Preto)

Não, é a mesma coisa. (Sandra, 53 anos, aposentada, Catanduva)
Minha rotina não mudou nada, porque a escola é até mais perto em relação de onde eu morava, porque eles estudam no Colegião. (Marta, empresária, 38 anos, Catanduva)

Eu vim de um prédio *pra* esse condomínio, eu morava em um prédio lá e aqui é um condomínio, essa é a diferença. A segurança é praticamente a mesma do prédio, é muito próximo, são diferentes, mas a sensação é a mesma e o que muda é a área de lazer que aqui no condomínio é infinitamente superior aos prédios. Área de lazer e outras coisas que tem... espaço, mas a parte de segurança eu acho que é praticamente a mesma. O prédio é o mesmo controle de entrada e de saída, eu acho mais, prédio eu considero praticamente um azar, porque se o bandido entrar, ele não vai ter..., tem trinta apartamentos, ele não vai entrar em trinta, é azar. E também, é o que eu brigo com ela, se não tiver trancada tua casa, não, tem mais chance dele entrar em quem *tá* com a porta aberta. (Carlos, 49 anos, aposentado, São José do Rio Preto)

Como lá era um condomínio menor, ele tinha acho que vinte casas, e o meu tem quinhentas, mais de quinhentas, então é diferente, a estrutura é diferente. Lá só tinha sempre dois turnos de segurança, não ficava passando na frente, até porque era menos. (Natália, 30 anos, advogada, São José do Rio Preto)

Olha, eu acho que mudou para melhor, porque lá eu tinha que sair pra ir caminhar num conjunto, aqui eu já caminho aqui mesmo e é gostoso, é bem arborizado, eu gosto de meditar, então lá em baixo tem umas árvores... Em relação às compras, tudo é feito na cidade, como era também porque o Parque Iracema [*bairro que morava anteriormente*] não é uma região de comércio também. Eu tinha que ir para o centro da cidade, então ficou a mesma coisa. (Célia, 59 anos, aposentada, Catanduva)

Teve. Teve porque quando eu morava no apartamento, tinha uma praça bem perto, a Praça da Matriz, mas eu não gostava de ir, porque o Natan [*filho de Karen*] corria demais e também porque aqui no centro da cidade, já está assim: você para o carro e em cinco minutos já vai alguém te pedir para olhar o carro. Ou então você está passando, alguém vem te pedir alguma coisa, e com criança é complicado isso, então eu evitava sair com ele. Eu saía mais de carro, ia na minha mãe, ia no meu sogro, na casa da minha irmã. Eu evitava ir em praça, e aqui a gente mudou, meu filho, nossa, aproveita muito aqui, as crianças gostam demais. Ainda agora ele vai fazer cinco anos eu ainda não deixo ele sozinho, mas de vez em quando meu marido *tá* jogando tênis na quadra lá em baixo, aí eu fico ali fora olhando. Além do que, aqui, os carros passam mais devagar, aí deixo ele mais livre. (Karen, professora, 40 anos, Catanduva)

Mudou completamente, porque aqui você tem um contato maior com teu vizinho, você tem aquela coisa de - vou fazer uma caminhada - daí encontra um vizinho, você encontra uma pessoa que mesmo que é de dois ou três quarteirões de distância: “ó vamos jantar”. Você tem outro convívio, coisa que num bairro aberto hoje em

dia... [o morador balançou a cabeça negativamente]. Hoje você não sabe nem quem é direito seu vizinho, entendeu? Teu vizinho chega, abre o portão, aperta o controle, fecha, às vezes nem te cumprimenta. Então você perde esse contato, esse vínculo¹⁴. (Lucas, 32 anos, comerciante, Catanduva)

Eu acho que aqui, apesar de ter muita coisa perto, ainda é... O que a gente é muito acostumado é de se programar pra sair de casa, porque lá era mais perto de tudo, então tipo “vamos no mercado?” “vamos”, aí voltava *pra* casa, “aí vamos num sei aonde? Depois vamos na costureira?”, aqui não, igual eu falei, tem esses serviços básicos, mas a prefeitura é no centro, banco não tem nenhum aqui perto. Então essas coisas a gente se programa, eu e meu pai, tipo, todo mundo tem carro aqui em casa, mas pra economizar gasolina, então já vai junto, “ah você vai lá perto, já vê isso pra mim”. A gente se programa *pra* sair de casa, porque é tão longe que... a gente já combina *pra* economizar gasolina. Isso foi o que mais mudou. (Amanda, 26 anos, arquiteta, São José do Rio Preto)

A linguagem do cotidiano, nesse conjunto de relatos com destaque para Lucas e Amanda, articula vozes de outros sujeitos ausentes. Quando um sujeito realiza certa prática, coloca-se em jogo uma forma socialmente compartilhada dentro de um mundo social que influencia tanto a forma de executar essa prática no espaço, como de expressá-la (Lindón, 2012, p.609).

Alguns moradores afirmaram que o cotidiano não passou por alterações com a mudança para o espaço fechado, porém, na resposta a outras questões, relatam práticas que deixaram de fazer e outras que foram incorporadas, ou seja, eles tendem a naturalizar rapidamente as mudanças, sendo que cada um faz ligações com dimensões particulares da vida cotidiana. Esse é o caso de Sandra, que afirmou não ter havido mudanças, mas relatou as caminhadas dentro do residencial, as relações com a vizinhança, enfim, práticas que mudaram de conteúdo, a partir da mudança do espaço de moradia, porém, ao responder ao questionamento colocado acima, ela voltou-se para a rotina de trabalho. Por outro lado, para os moradores que falaram diretamente de mudanças, elas se referiram a diferentes dimensões, escapando da linear relação entre cotidiano e rotina, indo além dos horários e trajetos ligados ao trabalho e ao estudo. Falaram, sobretudo, de lazer, de relações de vizinhança e da segurança interna aos muros.

Agrupando os entrevistados em dois grupos – daqueles que identificam e daqueles que não identificam alterações no seu cotidiano, a partir da mudança para o residencial fechado – evidenciamos que, por meio da linguagem, transparecem “modulações” da vida cotidiana (Lefebvre, 1991). É por meio delas que o repouso se opõe ao trabalho e, inversamente, a cotidianidade se opõe às férias e, reciprocamente, cada termo fornece um *álibi*¹⁵ aos outros. O lazer serve de *álibi* para o trabalho, e este para aquele. A partida e a ruptura do cotidiano servem de *álibi* para a cotidianidade, e inversamente.

A linguagem faz o cotidiano, ela também é o cotidiano, por isso tem o poder de enfeitá-lo de retórica e de imaginário. Para Lefebvre (1991, p. 131), a linguagem pode se

¹⁴ “Esse vínculo” citado por Lucas ultrapassa as relações sociais com outros moradores do “bairro aberto”, em que morava anteriormente, mas inclui também o vínculo espacial. Segundo Lindón (2006, p. 377), em estudos sobre territórios habitados por vários grupos sociais com frágeis interações entre si, se observa que essa mesma heterogeneidade social contribui para que esses moradores tenham um campo de informação espacial de seu entorno muito limitado, já que não tem experiências em lugares desse entorno e com outros moradores, ainda que sejam próximos em termos de distância física.

¹⁵ De acordo com Lefebvre (1991), o cotidiano é fragmentado, atomizado, ou seja, fraturado em subsistemas, sendo estruturado apenas pelo sistema dos *álibis*.

tornar uma negação da cotidianidade no transcorrer do cotidiano ou, até mesmo, criar outra cotidianidade, aparentemente melhor e sem contradições.

Por meio dos relatos, os moradores elaboraram o cotidiano¹⁶, e nesse processo, ainda que breve, durante a entrevista, tem o poder de enfeitar ou até mascarar elementos que evidenciam contradições do e no cotidiano, o que ocorre falas de forma mais intensa em algumas falas, principalmente entre os moradores que reiteraram diversas vezes as vantagens do novo estilo de vida nos residenciais fechados.

Os conflitos e problemas da cotidianidade remetem a soluções conflitivas que se sobrepõem a soluções reais, quando estas são ou parecem impossíveis (Lefebvre, 1991, p. 98). Assim, os problemas e a procura de uma solução transpõem o limiar do imaginário. Entre a prática e o imaginário se insere, ou melhor, se insinua, o “investimento”; as pessoas projetam seu desejo sobre estes ou aqueles grupos de objetos, estas ou aquelas atividades: a casa, a mobília, a cozinha etc. Esse investimento confere ao objeto uma dupla existência, real e imaginária.

No entanto, o imaginário, com relação à cotidianidade prática (pressão e apropriação¹⁷), tem um papel: mascarar a predominância das pressões, a fraca capacidade de apropriação, a acuidade dos conflitos e os problemas “reais”. E às vezes prepara uma apropriação, um investimento prático (Lefebvre, 1991, p. 99).

A estabilidade é almejada pelos sujeitos entrevistados, o que se evidencia nas falas. Inferimos que essa estabilidade é parte da segurança que buscam, caracterizada por intensa subjetividade, ou seja, aquela que envolve múltiplas dimensões da vida cotidiana como, por exemplo, relações de confiabilidade entre vizinhos e mais “liberdade” para as crianças brincarem nas vias. Mas, por outro lado, o mesmo cotidiano está permeado pelo fetichismo do efêmero e da mobilidade, que caracterizam o período contemporâneo.

Nos apoiamos em Bauman (2007) para compreender que a ideia de sociedade aberta era compatível com uma sociedade livre que cultivava essa abertura. Atualmente, ela traz a experiência de uma população heterônoma, sujeita a vontade alheia, infeliz e vulnerável, confrontada por forças que não controla e nem entende totalmente; uma população horrorizada por sua própria vulnerabilidade, obcecada com a firmeza de suas fronteiras e com a segurança dos indivíduos que vivem dentro delas – enquanto é justamente essa segurança da vida dentro das fronteiras que gera um domínio ilusório. É na ausência de conforto existencial que as pessoas tendem a se concentrar na busca por segurança, ou da sensação de segurança (Bauman, 2007, p. 16).

Nos momentos iniciais das entrevistas, a insegurança referida por nossos entrevistados era aquela relacionada a roubos e assaltos, mas ao longo das narrativas, outros elementos que influenciam a opção de morar entre muros apareciam, pois, mesmo depois da mudança,

¹⁶ A maioria dos entrevistados demoravam alguns minutos para responder as questões relacionadas à rotina e ao cotidiano. Alguns perguntaram o que tinha de importante para queremos saber sobre “coisas banais”, outros fizeram uma expressão de não estar compreendendo o porquê dos questionamentos. Segundo Debord (1997, p. 108), na “sociedade do espetáculo”, o vivido individual da vida cotidiana separada fica sem linguagem, sem conceito, sem acesso crítico ao seu próprio passado, não registrado em lugar algum. Ele não se comunica. É incompreendido e esquecido em proveito da falsa memória espetacular do não memorável.

¹⁷ Entendemos a *apropriação* de acordo com Lefebvre (1991, p. 177) com o exemplo do subsistema da moda, para ele o caráter terrorista da moda se exprime principalmente pela indiferença à *apropriação*. Ela tem por objetivo a variação dos objetos e sua obsolescência [...]. Se a apropriação consegue abrir o seu caminho é por um subterfúgio, introduzindo-se entre a confecção corrente e a alta costura, por meio do *prêt-à-porter*. Assim, a racionalidade concreta utiliza as rachaduras, as lacunas, os espaços vazios, em outras palavras, as contradições, para se infiltrar sorrateiramente.

alguns desses elementos continuam presentes nas novas relações com o espaço interno. É o caso, sobretudo, das referências aos espaços de uso coletivo, como as piscinas, que todos os moradores entrevistados afirmaram não utilizar, o que identificamos como um processo de interiorização no interior dos muros, demonstrando que, apesar do mercado vender um estilo de vida que inclui o estreitamento das relações entre os moradores, principalmente com a conformação de espaços de lazer coletivos (privados, intra-muros), a vida prática nos revela resignificações dessa lógica do mercado, que tende a acirrar uma tendência existente tanto dentro, quanto fora dos muros, um “declínio da vida pública” (Sennett, 1998). Não negamos que a segurança exerce influência na opção por morar nesses espaços fechados mas, ao longo das entrevistas, foi possível verificar que ela é sobretudo, um alibi.

Por isso, tão importante quanto à apreensão das práticas socioespaciais, são seus significados e as subjetividades conferidas ao espaço, uma vez que a distribuição dos sujeitos socialmente posicionados condiciona e é condicionada, reflete e responde aos desafios que sinalizam para essa nova sociabilidade urbana, marcada pela tendência de evitação do “outro”. Assim ocorre um esvaziamento da vida pública e a valorização dos espaços privados; entendendo-se o público como aberto à observação de qualquer pessoa e o privado como uma região protegida da vida, definida pela família e os amigos (Sennett, 1998, p. 30).

As vantagens desse “novo estilo de vida” estão explícitas nas retóricas dos entrevistados, porém os conflitos e contradições dele resultantes permanecem subjacentes, encobertos pela valorização dos controles sociais “portas adentro” e as desconexões (rupturas) com a cidade, “portas fora”. Os encontros entre sujeitos sociais na cidade, enquanto espaço público requerem negociações e acordos sociais (Lindón, 2012, p.607). As falas dos moradores tendem a valorizar os espaços internos, os elementos e as relações que os compõem, desvalorizando as práticas em espaços públicos, as imprevisibilidades, os embates e as negociações que integram a vida urbana, os sentidos da cidade.

Ao tender a negar essa negociação, se “refugiando” nos espaços internos dos muros, seja nas casas ou nos espaços coletivos privados (intra-muros), a segurança e o controle que lhes são garantidos substitui práticas de simultaneidade na cidade. Segundo Baudrillard (1991), é o sistema de dissuasão que aumenta, e à sua volta aumenta o deserto histórico, social e político. Para o autor, está em curso uma involução, uma “reversão social”, que faz contrair os conflitos, os confrontos, neutralizando-os. O problema político está morrendo e caminhamos para uma “socialização controlada”, que não conta com o inesperado, o imprevisto da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando tratamos do cotidiano entre muros, os relatos de mudanças apontam para a necessidade de compreender a cotidianidade para além da rotina estritamente ligada a horários e tarefas diárias, mas uma cotidianidade que abarca outras práticas cotidianas que eram feitas em outros espaços, e que agora são executadas nos espaços internos aos limites físicos dos muros, gerando um duplo processo. Por um lado, as falas constroem “pontes” que neutralizam os muros e aproximam o espaço interno do residencial da cidade, a qual permite o livre acesso a diversas atividades, com espaços porosos, que se conectam com outros diretamente, através do fio narrativo, bem como indiretamente, através das experiências vividas. Essa construção é possível porque a linguagem materializa o fluxo da vida social e o cristaliza (Lindón, 2007, p. 42), ainda que as narrativas da vida cotidiana não se detenham a formas estáveis. Concluímos que essa é uma particularidade desses espaços fechados em cidades não metropolitanas, nas quais as necessidades de consumo, estudo e trabalho estão relacionadas à cidade. Nesse sentido, para os moradores dos residenciais fechados que entrevistamos, os muros são passagens que conectam o local de moradia e os locais de vivências cotidianas, fora deles.

Por outro lado, de forma mais intensa, as narrativas tendem a acirrar as separações entre o que está dentro e o que está fora dos muros, valorizando os limites físicos como fronteiras também simbólicas que separam espaços com lógicas e conteúdos diferentes. As narrativas tendem a valorizar elementos adquiridos conjuntamente com o imóvel, que integram um “novo estilo de vida”, cuja segurança e controle estão entre os aspectos mais valorizados, embora, de forma subliminar, o que se buscam são formas de distinção social.

Mesmo levando em conta as particularidades do processo de segregação em cidades não metropolitanas, concluimos que é urgente a revalorização dos encontros entre cidadãos de diferentes classes sociais, não apenas em quantidade, mas na sua qualidade, por isso a necessidade de pensarmos na sociabilidade, enquanto prática que dá sentido à cidade, ao mesmo tempo em que reconhecemos que:

(...) a segregação urbana deve ser inserida no âmbito dessa discussão sobre sociabilidade urbana contemporânea. [...] como a organização do espaço urbano, a distribuição dos sujeitos socialmente posicionados nesse espaço condiciona e é condicionada, reflete e responde aos desafios que coloca essa nova sociabilidade urbana à construção e interação, ao encontro e à evitação do outro¹⁸. (Saraví, 2008, p.97)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Antropos, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *O habitus e o espaço de estilos de vida*. In: _____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2008.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 9 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2010.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.
- LINDÓN, Alicia. El mito de la casa propia y las formas de habitar. **Scripta Nova**. Universidad de Barcelona. vol. IX, n. 194, 2005. p.
- _____. La casa búnker y la deconstrucción de la ciudad. Revista **Liminar**. vol. IX, n. 2, 2006. p. 18-35.
- _____. Los imaginarios urbanos y el constructivismo geográfico: los hologramas espaciales. Revista **Eure**. Santiago do Chile. vol. XXXIII, n. 99. 2007, p. 31-46
- _____. Geografías de la vida cotidiana. In: HIERNAUX, Daniel; _____. (Orgs.). **Tratado de geografía humana**. Barcelona: Anthropos, 2008. p. 356-400.
- _____. La concurrencia de lo espacial y lo social. In: TOLEDO, Enrique de la Garza;
- LEYVA, Gustavo (Orgs.). **Tratado de metodología de las ciencias sociales: perspectivas actuales**. México: Fondo de Cultura Económica, 2012. p. 585-622.

¹⁸ Tradução nossa de: la segregación urbana debe enmarcarse em esta discusión en torno a la sociabilidad urbana contemporánea. [...] como la organización del espacio urbano, la distribución en el de sujetos socialmente posicionados, condiciona y es condicionada, refleje y responde, a los desafíos que plantea esta nueva sociabilidad urbana, a la construcción e interacción, al encuentro y la evitación con el outro.”

- SARAVI, G. A. Mundos aislados: segregación urbana e desigualdad en la ciudad de México. Revista **Eure**, Santiago do Chile. vol. XXXIV, n. 103, 2008, p. 93-110.
- SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1998.
- SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SVAMPA, Maristella. **Los que ganaron: la vida en los countries y barrios privados**. Buenos Aires: Biblos, 2001.